

## O ROMANCE DE ADELTO

**Anderson Braga Horta**

O Professor Adeldo Gonçalves é conhecido e enaltecido pelo exercício da crítica literária, função que desempenha com segurança, simpatia e estilo tanto nos modernos meios de comunicação virtual — importantes *sites* do País e do exterior, notadamente Portugal — quanto em órgãos da imprensa tradicional. A qualidade, a frequência e a intensidade desse trabalho, uma das mais louváveis exceções à tendência dos grandes periódicos, hoje, de eliminar a resenha crítica regular a cargo de profissionais “do ramo”, competentes e respeitados, fazem, por si sós, benemérita a pena do escritor. A crítica registra e analisa a produção literária, atuando como fiel e guia do leitor e armazenando, para os historiadores e estudiosos do setor, informações sem as quais a pesquisa seria um perder-se na floresta, cada vez mais densa e intrincada, dos produtos e despejos editoriais. Sem a crítica restam a publicidade e a resenha expositiva, cumpridoras, é certo, de um papel respeitável, mas incapazes, por definição, de ir ao âmago da criação literária, em termos de técnica, de humanismo e de arte.

Além disso, é autor de ensaios literários, históricos e biográficos como, apenas exemplificando, os que dedicou a Bocage, Tomás António Gonzaga e Fernando Pessoa, que lhe aumentaram a notoriedade e lhe granjearam justos prêmios.

Finalmente, sabemos-lo autor de narrativas ficcionais, como os contos de *Mariela Morta* (sua estréia, em 1977) e o romance *Barcelona Brasileira*, publicado em Lisboa, em 1999, e em São Paulo, em 2002. Quanto a mim, tomo conhecimento direto desta sua faceta de escritor apenas agora, com a recente publicação, por LetraSelvagem, da segunda edição de *Os Vira-Latas da Madrugada*. Tendo-o escrito no final da adolescência, refundiu-

o em 1977-78, vindo essa versão a merecer destaque, dois anos depois, no *Prêmio Nacional José Lins do Rego*, da editora José Olympio, que o publicou em 1981.

A trama tem base na realidade, passando-se em Santos, num espaço fervilhante de vida e de miséria, entre o porto, o bairro Paquetá e o centro da cidade. Os personagens são — diz em nota o editor, Nicodemos Sena — “ex-sindicalistas, punhuistas, jornalheiros, vendedores de jogo do bicho, catadores de restos que caem no transporte antes de chegar aos navios, mendigos, engraxates, cafetinas, cafetões, prostitutas e jovens aprendizes de todo tipo de expediente”; os “vira-latas”, diz o posfácio de Maria Angélica Guimarães Lopes, são os moleques do bairro. E o tempo? Este, segundo o autor, “não existe, os acontecimentos se confundem, as datas são esquecidas”; não obstante, deve ser afastada a idéia de uma intemporalidade absoluta: a trama se desenvolve às vésperas do golpe militar de 1964, que lhe impõe um corte brusco, sem o recurso usual de um final definitivo.

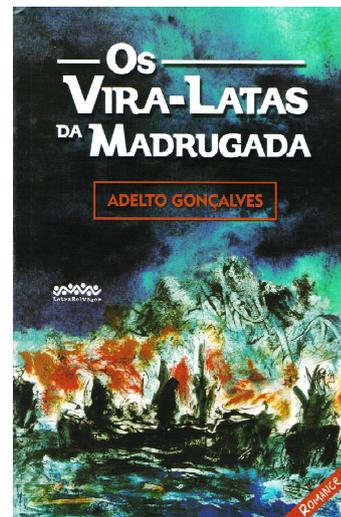
Conforme detalha Ademir Demarchi nas orelhas, em que lhe traça ágil roteiro, há um plano de fundo fortemente político por trás do enredo, com personagens que rememoram a Coluna Prestes e a era Vargas, tomados em cena “no período pré-golpe”.

Desse grupo humano emergem com força figuras marcantes como o velho Marambaia, seu caulejado “mestre”, e o jovem Pingola com sua explorada amante, a jovem prostituta Sula. Marambaia, legendário participante da Coluna, depois homem do mar e, nessa condição, capitão de motins em defesa de direitos dos marujos, é forte presença nessas páginas, com um halo de conselheiro e mentor. Pingola, seu protegido, malandrinho, mas aprendiz de

estatuário, leva sua contradição até a página final, quando parece tomar consciência de sua condição subumana e apontar os olhos para uma meta.

O verdadeiro protagonista do romance, assim o sentimos, é a sua humanidade sofrida, recalçada em patamares de primitivismo socioeconômico. O livro estrutura-se em três “confissões”, palavras do eu-narrador que o comentam e definem, cada uma delas introduzindo uma de suas partes, culminando com uma “Última confissão”, sem sequência, espécie de brevíssima coda à guisa de “moral da história”. É interessante registrar como numa dessas confissões, a segunda, o romancista nos adianta uma das vertentes mais notórias do futuro crítico, o ensaio de fulcro histórico, ao discorrer sobre a origem e a etimologia do nome de batismo da região do Paquetá, com base nas anotações de Francisco Martins dos Santos, em sua *História de Santos*, de 1937; e, naturalmente, ao descrever o Paquetá de “hoje”.

Sobre quem leia o livro salteadamente, randomicamente — eu mesmo às vezes o faço, e isso é possível no caso, pois os capítulos de *Os Vira-Latas da Madrugada* soem ter um fechamento que lhes permite o folheio aleatório —, impende o risco de acabar pespegando-lhe o rótulo de niilismo, tal o acúmulo de desgraças e humilhações que relata. Se se detiver nas páginas que descrevem a animalesca fúria repressória e torturadora dos beleguins da quartelada, ou nas que pintam a loucura supostamente revolucionária do velho Marambaia, seguida de seu covarde assassinio, tal conclusão parecerá indiscutível: a mensagem seria de treva e desesperança. Mas o capítulo do enterro do negro artesão, quando Plínio intui que Marambaia “aproveitara o dinheiro do jogo do bicho para dar ao pobre João de Angola um enterro



decente”, antecipa conclusão bem diversa. Pois, “então, Plínio sentiu uma ternura imensa por Marambaia; nem tudo no mundo era mesquinha; e “de repente, ali, inclinado sobre os joelhos, descobria a solidariedade, a honestidade, a amizade, valores que pareciam mortos”. Outro momento luminoso é o que encerra o volume (antes da já comentada “confissão” final), com Pingola, após o sepultamento de Angola, que lhe ensinara a arte de esculpir em madeira, e o martírio de Marambaia, seu protetor, abraçando a companheira grávida:

“Amanhã, iremos embora desta merda de cais .... Vamos começar de novo. Ele vai precisar de um pai de quem possa ter orgulho”, diz, apontando com os olhos para a sombra do ventre inchado da mulher que se desenha na parede.

Valida-se, assim, em termos de fé — ou pelo menos de esperança — em nossa tumultuosa humanidade, este belo romance de Adeldo Gonçalves, válido essencialmente, de resto, pelo vigor da narração e pela compassividade intrínseca do narrador.

**Anderson Braga Horta é escritor, advogado, poeta, crítico, cofundador da Associação Nacional de Escritores, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Letras do Brasil.**

**Adeldo Gonçalves – Os Vira-Latas da Madrugada, romance. LetraSelvagem, Taubaté, 2015 (2.ª ed.).**

## Solidariedade Natalina

Rosani Abou Adal

**P**odemos reconstruir casas, monumentos, praças, escolas, prédios, ruas e patrimônios históricos que foram destruídos com bombas, mísseis, guerras ou num mar de lama. Entretanto quando se perde a vida de um ser humano, animal, rio e da terra é impossível reconstruí-la ou restaurá-la.

A ganância do homem pelo poder não tem limites, é devastadora. Triste ver o nosso Planeta e seus habitantes vivendo em farelos.

Mais triste ainda é ver nossas crianças sem futuro, sem seus pais, seu País, suas casas, sem esperanças, abrigo e aconchego.

Enquanto em algumas mesas há um banquete farto, em muitas outras apenas o trivial. Não vamos falar das pessoas que não têm mesas, pratos e talheres para cearem alimentos invisíveis.

O Papai Noel nas casas com chaminés levando presentes para os ricos e consumistas. Nos casebres, as crianças não vêem nem o vulto do ser de barbas brancas. Apenas sonham com um saco cheio presentes fictícios.

Os fogos de artifícios levam a falsa alegria para os homens "de boa vontade" que comemoram o Natal com mesas fartas de animais mortos. Nos países em guerra, as granadas, bombas e mísseis fazem parte dos pratos principais das ceias.

Não temos o objetivo de levar uma mensagem negativa, somente pretendemos alertar para que as pessoas tenham consciência, evitem o desperdício e possam dar pão para quem tem fome, água para quem tem sede, doar brinquedos, afeto, carinho e livros, muitos livros para crianças carentes e abandonadas.

Que tenham compaixão para com os animais e repartam também com eles. Que evitem o desperdício e não joguem comida fora. Que evitem o consumismo desenfreado para impedir mortes desnecessárias dos nossos irmãos suínos, bovinos, ovinos, caprinos, de asas e barbatanas.

Queremos o melhor para todos os seres que habitam a Terra. Esperamos que possam viver em Paz, com amor e saúde.

Que tenham um Natal pleno de alegrias e que o Ano Novo seja farto de esperanças e energias positivas.

Desejamos Boas Festas aos leitores, clientes, colaboradores, assinantes, à *Tribuna Piracicabana* e aos amigos. Um 2016 pleno de solidariedade, paz, amor, saúde, Cultura e Literatura.

O livro poderá mudar o mundo. Vamos doá-los a quem tem fome de leitura.

## Prêmio Jabuti presta homenagem a Maurício de Sousa

A solenidade de entrega do *Prêmio Jabuti*, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, foi realizada no dia 3 de dezembro, no Auditório Ibirapuera, em São Paulo.

O homenageado especial da 57ª edição do prêmio foi Maurício de Sousa, em razão da relevante contribuição ao prazer da leitura, na formação de crianças e jovens.

O escritor e ilustrador Maurício de Sousa nasceu em 27 de outubro de 1935, em Santa Isabel (SP). Iniciou sua carreira como ilustrador na região de Mogi das Cruzes. Criou, em 1959, o primeiro personagem, o cãozinho Bidu. Em 1970, lançou a revista *Mônica*. Ocupa a cadeira nº 24 da Academia Paulista de Letras.

Maurício de Sousa foi agraciado com um troféu criado especialmente para ele. A láurea foi entregue pelo presidente da Câmara Brasileira do Livro, Luís Antonio Torelli.

Exibição de um vídeo retratou parte da trajetória do criador da *Turma da Mônica*. Chico Bento e Zé Lelé se apresentaram num duelo em versos de repente, de autoria de Fábio Sombra, cujo trabalho faz parte do livro *A Peleja do Voleiro Chico Bento Com o Rabequeiro Zé Lelé*, que foi publicado pela Editora Melhoramentos.

O *Troféu Jabuti* foi entregue aos três primeiros colocados das 27 categorias. O *Livro do Ano de Ficção*, ficou para "Quarenta dias", de Maria Valéria Rezende; e o de *Não-Ficção* para "A casa da vovó – uma biografia de Doi-Codi", de Marcelo Godoy.

Segundo Marisa Lajolo, curadora do prêmio, "A CBL acompanha as mudanças do mercado e registra a crescente participação digital no mundo do livro. Esta é a primeira incursão do Prêmio Jabuti no universo tecnológico. Muitas outras virão".

Divulgamos os prêmios de Literatura. As demais categorias estão disponíveis em <http://premiojabuti.com.br/resultados-jabuti-2015/>

**Poesia:** 1º Lugar, *Corpo de Festim*, de Alexandre Guarnieri; 2º Lugar, *Clio*, de Marco Lucchesi; 3º Lugar, *A Comédia de Alíssia Bloom*, de Manoel Herzog. **Contos e Crônicas:** 1º Lugar, *Sem Vista para o Mar. Contos de Fuga*, de Carol Rodrigues; 2º Lugar, *Dez Centímetros Acima do Chão*, de Flavio Cafiero; 3º Lugar, *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo. **Romance:** 1º Lugar, *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende; 2º Lugar, *Caderno de um Ausente*, de João Anzanello Carrascoza; 3º Lugar, *Os Piores Dias de Minha Vida Foram Todos*, de Evandro Affonso Ferreira.



Luís Antonio Torelli e Maurício de Souza

### LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)  
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal  
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000  
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.  
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -  
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - [www.xavierdelima1.wix.com/xavi](http://www.xavierdelima1.wix.com/xavi)  
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores  
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

### LINGUAGEM VIVA

**Assinatura anual: R\$ 84,00**

**semestral: R\$ 42,00**

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

[linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

# Rui Mourão: razões e disfarces da mente em delírio

Fábio Lucas

Para a mais completa análise de *Mergulho na região do espanto* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015), de Rui Mourão e a sua mais confiável interpretação e, afinal, para a urdidura de convincente juízo crítico, torna-se indispensável o emprego de uma visão interdisciplinar. É que consubstancializam a textura literária do autor informes procedentes da Psicologia e da História. Na verdade, o protagonista que se pronuncia na primeira pessoa do singular compendia ou configura uma personalidade doentia, formuladora de conceitos delirantes, inseguros, de baixo teor de credibilidade.

No entanto, o "eu poético" transita num contexto pleno de reminiscências históricas que alcançam e influenciam as individualidades. A fala da comunidade traduz um idioleto cuja pauta e repertório, repetitivos, formam os sistemas comunicativos paradigmáticos da parte central de Minas Gerais, compreendendo Ouro Preto e Belo Horizonte, ou seja, o antigo e o novo.

O protagonista, por sua vez, além de "viver" e "respirar" a atmosfera cultural, retrabalha toda a herança recebida das fontes formadoras da sua consciência.

Assim, passado e futuro se mesclam na mente excitada e os "vultos" da velha Vila Rica e de seus sequazes renascem no cérebro e se desnudam das honrarias históricas, das demarcações oficiais, das festas cívicas e arroubos patrióticos e se mostram na escala do cotidiano, com as mazelas que os impulsos da riqueza trazem consigo. Enfim, todas as glórias regionais e nacionais se estigmatizam. Ninguém presta. Tudo é pequeno, escravo dos instintos animais, selvagens.

O lastro historiográfico pune e desmistifica a herança da elite culta, em busca de poder econômico e político. A lógica e racionalidade do discurso narrativo, delegadas à mente enferma, operam, de certa forma, a revisão crítica do passado fundador das Minas, que se consagrou sob a pedagogia de exortação dos Inconfidentes, ocasionalmente apanhados em suspeitas conspirações.

O narrador de *Mergulho na região do espanto*, no curso do solilóquio, menciona "minha obsessão pela leitura" (ob. cit., p.10). Desse saber adquirido é que transbordam os preciosos relatos do cotidiano das personalidades divinizadas nos cultos patrióticos.

Ao leitor cabe distrair com o engenho literário de Rui Mourão ao individualizar os movimentos do protagonista no cenário colonial.

O primeiro "espanto" será o comando para que a personagem se dirigisse a Ouro Preto. Disponível, aposentado, acolheu do vulto misterioso a oportuna indicação, correspondente a adiado desejo. A mente cogitadora apresenta a primeira cisão: a que Ouro Preto se dirigir, a antiga ou a contemporânea? No intento persuasivo do narrador não passam de uma única e exclusiva verdade, "porque o homem está é na memória, nos tempos idos invariavelmente incompletos, que dependem do presente para se revelarem em renovada significação." (ob. cit., p.10)

Certa camada crítica, subjacente aos enunciados históricos, ocupa a fala revisionista do narrador. A leitura intrínseca do romance oferece uma totalidade discursiva do autor, experiente ficcionista, a talhar um dos seus mais refinados textos literários. Até renasce o passado mineiro, acompanhado de seus vultos, todavia desprovidos da feição amável. Pejam-se de máscaras denunciadoras das fraquezas humanas numa escala que percorre do sublime ao sórdido.

E o narrador a conduzir penoso solilóquio? Rui Mourão o focaliza intoxicado de leituras, vítima dos excessos de conclusões apressadas, avessas ao rigor científico. Um bando de ficcionistas imaginosos a impor subjetividade em caso de ausência de documentos. Inventores de estórias.

O protagonista, determinado a cumprir a decisão de viajar, detona o explosivo da auto-análise que, por sua vez, desmancha o castelo-no-ar; relata episódios, retrata situações extremas, põe-se a salvo de estado de necessidade, opta pela vida e resiste à violência, ao arbítrio e à prepotência, enfim, tudo que é inerente ao poder colonial. Quanto às negociações de datas e legitimação de obras intrometiam-se regras e regulamentações ocasionais,



externadas pelas aparências de poderosos chefes políticos locais. Homens de escassas luzes e muitas armas (roubadas, contrabandeadas e, até, permitidas mediante acordos não escritos).

Além da faceta de elocubrar sobre o justo e o injusto, o narrador, criatura do romancista, move-se com dinâmica credibilidade na esfera da associação dos valores da vida prática com os conceitos da teoria das Letras. Para mera ilustração dessa riqueza temática, tome-se o trecho da página 159 até a p.173, fim do capítulo, em que surge o doutor Edvaldo Sotero, analista, a enfatizar a posição do ator, no palco perante a platéia ou no cinema, em projeção na tela fria diante do público atento, em busca de emoções. Também se fazem ler e comentar episódios retirados dos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. O tóxico das Letras vicia e aponta para a mente frágil e obsessiva o caminho da loucura.

A terapia corporal reforçada pela cura espiritual desproblematizaria o narrador? E a retidão moral que, para pensadores da linha de Georg Lukács, encontram na Ética o principal esteio da Filosofia? Ou todo o conhecimento não passa de mera ilusão, uma fantasia? Ou trágica anedota que os avanços da Ciência e das Artes englobam no âmago da condição humana? Aliás, um dos mais densos capítulos exhibe opiniões sobre Tiradentes e, mais do que tudo, investiga o pensamento de Luís Vieira da Silva, que pontifica sobre o poder real e simbólico do ouro, da prata e dos metais preciosos, não deixando de assinalar a importância da igreja católica na eleição dos bens produtivos para o bem da coletividade.

Mais surpreendente é o relato do inconfidente José Álvaro Maciel, ao qual o romancista concedeu a palavra, confidenciando em primeira pessoa ideias progressistas para o futuro da pátria, em aliança com a Inglaterra e os Estados Unidos no rumo da industrialização e dos princípios da maçonaria. Além disso, o contexto revelado coloca Cláudio Manuel da Costa na possível liderança do desejado país independente.

Sob o ponto de vista intrínseco, estilístico, omitidas as cercanias historiográficas e o estudo de caso no campo da Psiquiatria, terá o leitor a gratificante fortuna de compulsar num texto cuidadosamente elaborado, leve, compacto, do respeitado romancista Rui Mourão, num de seus momentos mais sutis.

**Fábio Lucas é crítico, ensaísta, ficcionista e autor de *Novas Mineirinhas (recaída)*, obra a sair em breve.**

**LIVRARIA BRANDÃO**

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)  
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l  
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br

## CANCIONEIRO NEOLATINO – livro emblemático

Alice Spíndola

**S**tella Leonardos, de grande prestígio internacional, eleita por Jean-Paul Mestras “a grande Voz da Poesia Brasileira”, acaba de completar 250 livros editados.

E que livro! A obra de nº 250 – tão almejada quanto desafiadora, pelos vários idiomas que a integram. Aflorando originalidade, bela pelo conteúdo e pelo feito. Significando anos de árduo estudo e dedicação, impressionante conhecimento linguístico e filológico, privilegiada inspiração. Singular rigor literário. Título escrito com letras em várias fontes.

CANCIONEIRO NEOLATINO – pesquisa ousada e de rara criatividade. Dessa criatividade, a inovação de ter sido realizada em manuscrito. O que torna importante dizer que a literatura faz parte de seu início de carreira, bem como a vivência teatral. Menina, ainda, Stella fora teatróloga. CANCIONEIRO NEOLATINO é obra em que Stella Leonardos usa a mágica de redescobrir e de dar vida à línguas extintas, ou quase extintas, além de ir valorando a excelência de outros idiomas da contemporaneidade. Poetas de origens muitas são rememorados e revividos pela magia



de seus poemas. De Poesia, a palavra que vibra o coração do leitor.

Desde a capa – assinada pelo artista plástico Dek – uma chave abrindo o coração do livro. Abertura que celebra ícones da Poesia de diversos mundos. Do ponto de vista estético e crítico, um hino à verdade e à beleza. Impregnado de emoção e vida. Em CANCIONEIRO NEOLATINO, Stella Leonardos tem o poder de encantar.

**Alice Spíndola é graduada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Católica de Goiás, poeta, contista, tradutora e artista plástica.**

## Os Vizinhos

Caio Porfírio Carneiro

**C**edo, ao sair, e antes de entrar em casa, à tarde, cumprimentava os vizinhos, tocando com os dedos no chapéu, numa postura e polidez que o quarteirão inteiro admirava. Curvava-se, em particular, para a vizinha do lado, que estava sempre à janela do andar superior. Senhora recatada, viúva, bem vestida, como se estivesse sempre pronta para sair. Serviam-se ambos de criadas, que chegavam cedo e saíam à tarde. Ela também cumprimentava a todos do alto da sua janela.

Chamavam-no de professor e admiravam o seu cavalheirismo silencioso. Nos fins de semana ele se trancava no escritório e biblioteca e a criada não aparecia. Não permitia que ela entrasse. Ele arrumaria e limparia tudo.

Achavam a senhora viúva uma deusa, soltando sempre beijos às crianças de colo ou que passavam levadas pelas mãos dos pais. Tinha o seu quarto de lembranças raras. Não permitia também que a criada, que não vinha nos fins de semana, entrasse nele. Eram lembranças antigas. Zelaria por elas sozinha.

Os moradores do quarteirão elogiavam e elogiavam a boa postura dos dois, exemplos vivos de educação rara. Os pais contavam aos filhos a diferença enorme da boa educação antiga e as loucuras de agora, que veiculavam até nas televisões.

Nos fins de semana, à noite, enquanto os pais, à mesa do jantar, voltavam a lhes lembrar a boa educação de outrora, e tornavam a dar, como exemplo, os dois que moravam sozinhos, o professor afastava a cortina, por trás da estante de livros, abria a passagem secreta que dava para a casa vizinha e já via na obscuridade, a sombra da viúva, a esperá-lo no canto da sala, entre suas lembranças antigas.

E a história entre os dois era outra.

Conto do próximo livro a ser publicado.

**Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.**

## Adeus à Doçura

Rosani Abou Adal

Mariana não piscou olhos,  
não nadou no Rio Doce.  
Mergulhou nas águas de aço,  
na lama do vale de ferro.  
Não decifrou o enigma dos mistérios  
ocultos entre Brasil e Suíça.  
Pés descalços em feridas,  
sem teto, sem chão, a ermo.  
Vida num sopro desmoronou  
nos gemidos da barreira.  
Alma da terra e do rio em silêncio.  
Habitantes de suas águas  
deram o último suspiro que ainda  
ecoa nas montanhas de Minas.  
Gerais deu adeus à doçura.

**Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.**

## Doação de Livros para as Crianças de Mariana

O Projeto Poesia Viva - a poesia bate à sua porta, coordenado por Andreia Donadon Leal, está pedindo doações de livros de literatura infantojuvenil para ocupar as crianças, desabrigadas com o rompimento da barreira em Bento Rodrigues no município de Mariana (MG), com leitura.

As obras também serão utilizadas para a criação de pequenas bibliotecas na escola que receberá essas crianças.

A Cruz Vermelha MG vem, com o trabalho humanitário, oferecendo aos desabrigados o conforto de que tanto necessitam. Através do Poesia Viva, levará livros para que as crianças de Mariana possam ter seus dias ocupados com leitura.

**Endereço para envio:** Casa do Poesia Viva -

Rua Dom Frei José da Santíssima Trindade, nº 22.

Bairro: São José - Mariana - MG - Cep: 35.420.000.

<https://www.facebook.com/projetopoesiaviva?ref=ts&fref=ts>

## O RIO, A LAMA, A DOR

Emanuel Medeiros Vieira

**O Rio? É doce.**

**A Vale? Amarga.**

**Ai, antes fosse**

**Mais leve a carga (...)**

(Carlos Drummond de Andrade, "Lira Itabirana")

O que dizer?

Tudo, praticamente, já foi escrito sobre o maior desastre ambiental da história do Brasil, dizimando vidas, destruindo tudo o que havia.

Em nome do "progresso".

Prefiro que todos reflitam.

Que modelo almejamos?

A natureza é para o homem.

E dia a dia, vamos destruindo todo o que há pela frente.

*O planeta no qual vivemos é transformado num apocalipse de lama, morte e destruição.*

Enquanto isso, muitos se preocupam em apenas TER e comprar, elegendo o hiperindividualismo como modelo de vida.

E segue a vida.

E o rio com os seus dejetos entrando no mar.

**E toda esta lama – eu sei, a comparação é facilitaria – é também metafórica.**

Reflete a lama deste Brasil, num intenso processo de degradação e de destruição de valores..

O rastro da lama é o rastro da desilusão.

O rastro da lama é das ilusões perdidas, dos sonhos de nossa juventude: de um país mais decente e mais justo.

Enquanto isso, massacram-se pelo poder.

Esquecem-se tais "nobres" figuras, que logo passarão, deixando apenas o rastro da lama e da ignomínia.

*Sim, Drummond: antes fosse mais leve a carga.*

**Quería dedicar o texto para todos aqueles que, apesar de tudo, ainda nutrem esperança (qualquer uma).**

(Salvador, dezembro de 2015)

Emanuel Medeiros Vieira é poeta, escritor, crítico, jornalista e membro da Associação Nacional de Escritores - ANE.

## MENINO DE HIROSHIMA

Carlos Frydman

Hoje, que o sol nasceu mais otimista,  
peço a todos que não despertem bruscamente as crianças,  
que não perturbem seu brincar profundo,  
que não maculem sua imensa pureza.

Peço que contem com voz suave e penetrante  
que existiu um menino, em Hiroshima,  
despertando sempre antes do sol  
- seu fiel e necessário amigo.

Gostava de vê-lo surgir  
sereno, lento, quente e belo,  
por entre a madrugada fria.  
E quando uma dor lhe abatia,  
esperava do diário-sol-gigante

- o ansiado carinho.

Um dia, porém,

viu, de repente,

o sol explodir

em insuportável clarão;

e pensou que o sol enlouquecera,

que por algo se ofendeu,

que saltou sobre a terra

em sádica vingança.

E, então, perguntou,

ante a nuvem viva de átomos

endiabrados e irremediáveis,

queimando seu pueril amor matinal,

seu gesto de espanto e temor,

seu olhar meigo, curioso e interrogativo:

- "Poe que me queimas tanto,  
se teu calor tem sido sempre tão amigo?"

E não teve tempo de saber

que, antes de os homens libertarem

de cada átomo um sol,

já escravizavam e queimavam homens vivos.

Carlos Frydman nasceu em Varsóvia, Polônia, em 15 de novembro de 1924. Diplomado em Ciências Contábeis, foi aluno ouvinte de Sociologia na Faculdade Álvares Penteado. Em 1956 viajou pela Europa com os componentes do Teatro Popular Brasileiro e seu diretor, o poeta Solano Trindade. Em 1959 morou e trabalhou na China por três anos e meio em condição de tradutor e locutor na Radio Pequim, onde lecionou português. Publicou vários livros de poesia, o romance "Trilogia das Buscas" dentre outros.

### Débora Novaes de Castro

**Poemas:** GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS

- CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO –

COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES

AFORA...

**Haicais:** SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES

CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

**Trovas:** DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

**Poemas Devocionais:** UM VASO NOVO...



**Antologias:**

**Poemas:** II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

**Trovas:** II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

**Haicais:** II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

**Opções de compra:** Livraria virtual **TodaCultura:** [www.todacultura.com.br](http://www.todacultura.com.br)

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: [debora\\_nc@uol.com.br](mailto:debora_nc@uol.com.br) - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

## Costumes de Final de Ano

**Andreia Donadon Leal**

Costumes, com o passar do tempo, são substituídos por outros. Os leitores poderão me perguntar, que novidade este texto apresentará, pois me parece trivial que costumes sejam substituídos pelas condições de vida de cada época. Algumas famílias atravessam séculos cumprindo rituais, e com o tempo, muitas acabam modificando ou substituindo tradições por outras. Freud, Lacan e Schopenhauer explicariam com propriedade e pertinência as substituições realizadas pelo ser humano, com o passar dos anos. Minha genitora ralha comigo quando friso que com o passar do tempo é necessário modificar costumes, porque o tempo não estagna e não marcha para trás, mas caminha veloz ou lentamente, independente de nossos desejos, para frente. Não há fórmula mágica que consiga recuperar segundo, minuto ou hora passados. O que passou, passou. Não passou? Se for para o tempo, sim, mas para a memória e o coração, que conseguem dar voltas e tirar a razão dele, não há medida de ponteiro de relógio e calendário.

Final de ano é momento para dar voltas no tempo... Vislumbrei, ansiosa, ponta do telhado da casa dos meus pais, situada no interior de Minas Gerais. Veio cheiro, em minhas narinas, de quitanda e pão de pudim assados no forno à lenha. Pedi para o motorista parar o carro, no meio do caminho, antes de chegar à casa. Deixei para mais tarde o ritual de abrir o portão e anunciar, ruidosamente, minha chegada: - ô de casa!... Tem cheiro de quitanda, aí!

Mãe me esperaria no topo das escadas com sorriso no rosto. Pai enrolaria quitandas ou descascaria alho, com os óculos colocados na ponta do nariz. Um leve pigarro, seguido de meio sorriso na boca. Pai era meio contido com as coisas do sentimento, por causa da timidez exacerbada, mas eu

sabia e 'percebia' o olhar se iluminar feito noite de lua cheia, com visita da prole. Parei no meio do caminho, dobrei a esquina da rua e fui para outro lugar.

A chuva molhava as calçadas empapadas de água estagnada. Quase tirei as sandálias para chutar a água empoçada, mas a rua estava repleta de pessoas que entravam ou saíam apressadas das lojas, com inúmeros presentes e embrulhos de natal nos braços. Meus pés ficaram encharcados de água. Não precisei tirar o calçado, apenas chutei discretamente a poça d'água, que se abriu com o toque dos meus pés. Continuei, silenciosamente, minha caminhada solitária em direção a um lugar ermo e silencioso. Talvez um dos locais mais quietos do mundo, tirando os dias de atividade. Sacudi os pés e endireitei o corpo. Tirei o paninho destinado a limpar os óculos escuros do estojão. Não encontrei caneta e papel. Peguei batom cor

púrpura na bolsa. Desenhei um coração e no meio dele escrevi: saúde não tem fim... Joguei o pedaço de pano escrito no minúsculo canteiro de grama bem cuidado. Saí com uma sensação de paz, tranquilidade e misto de felicidade e nostalgia. Caminhei rapidamente até chegar à casa de mãe. Antes de abrir o portão e subir as escadas, senti cheiro de quitanda e pudim de pão... Pensei: o costume! Subi os degraus vagarosamente. A cena de mais de duas décadas não se repetiu da mesma forma...

A frase: '- Hum! Que cheiro bom, mãe!' veio antes que minha razão conseguisse reprimi-la.

A cena, essa sim, causou-me espanto e depois surpresa. Vi quase o mesmo ritual de outrora: mãe com avental, sovando a massa, enquanto seu neto enrolava as quitandas e me recebia com meio sorriso no rosto e os óculos na ponta do nariz.

Não era só eu que tinha costume modificado pelas minhas novas condições de vida.

**Andreia Donadon Leal é poeta, escritora, artista plástica e Mestre em Literatura pela UFV. Reside em Mariana (MG).**



Xavier

## Natais

**Débora Novaes de Castro**

Natal das compras,  
das feiras infundáveis  
de pingos de luzes pipocantes  
revestindo tudo...

das trombetas dos anjos,  
da púrpura dos magos,  
da meiguice dos presépios,  
sinos, estrelas, festões...

dos trenós com as renas,  
do velhinho de vermelho,  
da neve do faz-de-conta  
salpicada no pinheiro...

Natal dos natais,  
Natal da manjedoura,  
que inexistirá se faltar  
o nosso ouro, incenso e mirra.

**Débora Novaes de Castro é membro da Academia Cristã de Letras, da Academia Paulista Evangélica de Letras e Mestre em Comunicação e Semiótica - Puc-SP.**

## Mar

**Eunice Arruda**

conheço o mar

neste  
domingo

conheço  
a ternura verde  
da árvore

na noite  
abraçando o nosso  
abraço

neste  
domingo

conheço o mar  
o nome

que mistura as nossas águas

(In *tempo comum*, Eidtora  
Pantemporâneo, 2015, São Paulo, SP)

**Eunice Arruda é escritora, poeta e pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.**

## Concursos

**Prêmio Barco a Vapor**, promovido pela Fundação SM, está com inscrições abertas, para originais inéditos de ficção nos gêneros romance e novela para crianças e jovens, até o dia 31 de janeiro de 2016. É obrigatório uso de pseudônimo. Os interessados poderão inscrever até dois originais sem ilustrações, com fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento duplo, margens de 2,5 cm, orientação no modo "retrato", em formato DOC ou PDF, de 11 mil a 210 mil caracteres. *Série Branca*: leitor iniciante, a partir de seis anos. *Série Azul*: leitor em processo, a partir de oito anos. *Série Laranja*: leitor fluente, a partir de dez anos. *Série Vermelha*: leitor crítico, a partir de doze anos. **Premiação**: Publicação da obra vencedora pela Edições SM. R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais) como adiantamento de direitos autorais. O julgamento será feito em duas etapas. A primeira escolherá os dez finalistas que poderão ser contratados por Edições SM. A segunda classificará o primeiro colocado. Regulamento: [barcoavapor.edicoessm.com.br](http://barcoavapor.edicoessm.com.br)

**PRÊMIO LITERÁRIO GLÓRIA DE SANT'ANNA 2016**, promovido pelo Grupo de Ação Cultural de Válega, em colaboração com várias entidades patrocinadoras, e a Família de Glória de Sant'Anna, está com inscrições abertas até o dia 4 de março de 2016. Os interessados poderão inscrever livros de poemas, com o mínimo de 32 páginas, editados desde 1 Janeiro de 2015 até 1 de Março de 2016, em língua portuguesa, em primeira edição, em Portugal, Países e Regiões Lusófonas. Os poemas publicados na obra, no mínimo 80%, têm que ser inéditos. **Premiação**: 3.000.00 Euros a ser atribuído ao Autor do melhor livro de Poesia. **Regulamento**: <https://gloriadesantanna.wordpress.com/premio-literario/> **Informações**: [premio.literario.poesia@gmail.com](mailto:premio.literario.poesia@gmail.com)

## Frases que Voam

### Antonio Carlos Rocha

O título me vem à mente a partir da ótima leitura do livro "Voos da Manhã", de Maria de Lourdes Alba, editora Frutos, 2015.

Tenho a impressão, o impressionismo literário, expresso nos versos de Alba, que estou diante, já falei antes, de uma grande poetisa brasileira, com rasgos de Filósofa/Pensadora.

O termo rasgos é proposital, suas frases nos rasgam os horizontes alcançando voos rumo a frases que encantam e nos fazem refletir sobre o cotidiano de cada um. Por vezes, sua poesia evoca lembranças que o Tempo já se foi e quem sabe habitam algum Tempo nas alturas, na Arte da Poética.

É Pensadora da Vida que por bem ou por mal nos coloca na Roda da Vida, de que falava o Buda e nos tritura rumo a desapegos/compreensões/maturidade. Alegrias, sonhos, esperanças mis.

Temo a intuição, lendo seus textos que me permitem ver situações familiares as mais diversas estampando, escancarando ora um

pouco a Vida a dois, ora o que o cotidiano evidencia...

Desejos, Ah ! desejos !

E aqui me vejo nas estrofes de Maria de Lourdes contemplando sua coragem em original fazer poético, fazer literário através de Voos Matinais, são 70 produções textuais em poesia. Setenta voos.



Lembro que recentemente o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa retirou o acento circunflexo do vocábulo voo e assim observo que as duas letras "o" unidas, parecem o símbolo do infinito.

Assim, os sentimentos, momentos de Alba

falam de nossas finitudes/atitudes/altitudes, de um talento poético eivado de sensibilidade, sensibilidade proporcionando magníficas horas de boa leitura.

**Antonio Carlos Rocha é escritor, professor e crítico literário.**

## Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - 97382-6294

portsonia@ig.com.br

xavierlima@terra.com.br  
xavirdelima1@gmail.com  
(14) 3731-9471  
(14) 99161-0675 (Claro)  
(11) 97958-6182 (Tim)  
www.xavirdelima1.wix.com/xavi

## Livros

**Tempo Comum**, poemas de Eunice Arruda, Editora Pantemporâneo, São Paulo, SP, 72 páginas.

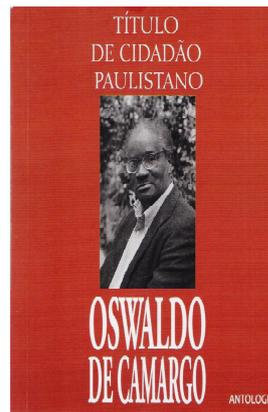
ISBN: 978-85-62402-23-4.

A foto da capa é de Juliana de Aguiar Marcondes Cesar e o projeto gráfico é de Gabriel Marcondes.

A autora é escritora, poeta e pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

Segundo Caio Porfírio Carneiro, "Em essência, é uma poesia que cala fundo e fotografa momentos elípticos de vida, que se transmudam em amostragem unimercial da existência humana, o seu correr até o final da própria vida. Mostra que o nada ou quase nada são perenos e vívidos ao correr da existência."

Eunice Arruda: [poetaeunicearruda@bol.com.br](mailto:poetaeunicearruda@bol.com.br)



**Título de Cidadão Paulistano**, antologia, Oswaldo de Camargo, Câmara Municipal de São Paulo e Prol Gráfica, São Paulo, SP, 100 páginas. As ilustrações são de Genilson Soares e Joel Câmara. Organização de Marciano Ventura e Ricardo Queiroz.

O autor é escritor, poeta, cronista, jornalista, redator, revisor, resenhista e conselheiro do Museu Afro Brasil, em São Paulo. Fundador do Grupo Quilombohoje, Ex-Seminarista, exerceu o cargo de assistente da presidência na Imprensa Oficial do Estado. cursou Humanidades (Latim, Português, Francês e Grego).

Recebeu o *Título de Cidadão Paulistano*, da Câmara Municipal de São Paulo, no dia 27 de outubro de 2015, por iniciativa do vereador Antonio Donato.

A obra abriga poemas, prosas e crônicas de Oswaldo de Camargo, fotos históricas, ilustrações, apresentação de Ricardo Queiroz Pinheiro e texto de Flávio Carrança sobre a obra e vida de Camargo.

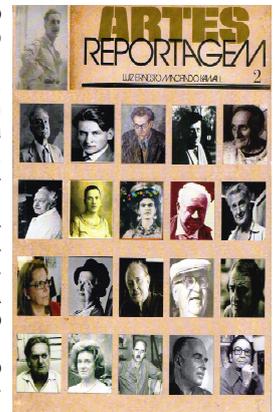
Oswaldo de Camargo: [oswaldodecamargo@bol.com.br](mailto:oswaldodecamargo@bol.com.br)

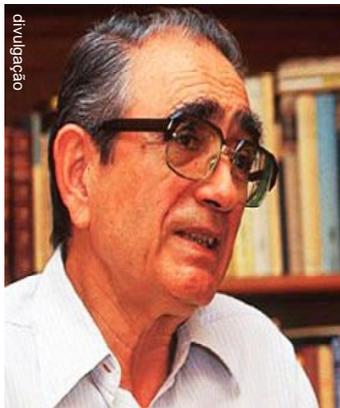
**Artes Reportagem 2**, de Luiz Ernesto Machado Kawall, Edição do Autor, São João del-Rei, MG, 198 páginas.

O autor, escritor, jornalista e museólogo, foi um dos fundadores do Museu da Imagem e do Som de São Paulo e do Museu Caiçara de Ubatuba. A Vozoteca, seu museu da voz, criado em 1989, foi doado para para o Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

A obra reúne reportagens com escritores, artistas modernistas, pintores, ilustradores e poetas. Abriga fotos históricas e textos sobre o autor de Angela Iacocca, Luiz A T Rodrigues, Gabriel Kawak, Salomão Esper e Paulo Bomfim.

**Luiz Ernesto Kawall**: Pça Benedito Calixto, 86 - ap. 62 - São Paulo - SP - 05406-040.





Florestan Fernandes

**20 anos sem Florestan Fernandes**, projeto elaborado pela UFSCar em decorrência dos 20 anos da morte do sociólogo e escritor. Fotos originais estão disponíveis em [www.bco.ufscar.br/acervo/fundo-florestan-fernandes](http://www.bco.ufscar.br/acervo/fundo-florestan-fernandes). Também foi lançado o livro *Florestan Fernandes 20 Anos Depois: Um exercício de memória*, organizado por Vera Alves Cepêda e Thiago Mazucato, que reúne análises da obra, da personalidade e do legado de Florestan, de Heloísa Fernandes, Gabriel Cohn e de Bernardo Ricupero. A obra está disponível na página do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento em [www.centrocelsofurtado.org.br](http://www.centrocelsofurtado.org.br).

**A Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil** foi declarada, pelo Governador do Estado de Minas Gerais Fernando Pimentel, de utilidade pública estadual, através da Lei 21850, de 30/11/2015. A ALACIB, fundada em 28 de dezembro de 2008 e registrada no dia 06 de abril de 2009, com sede e foro na cidade de Mariana (MG), promoveu em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Mariana, o *Projeto Poesia Viva* em escolas da Rede Municipal de Ensino de Mariana, através de oficinas literárias, em 2014 e 2015.

**A 5ª Bienal do Livro de Minas Gerais** será realizada de 15 a 24 de abril de 2016, no Expominas, com participação de 160 empresas expositoras. Serão comemorados os 45 anos da Câmara Mineira do Livro, organizadora e promotora do evento. [www.camaramineiradolivro.com.br](http://www.camaramineiradolivro.com.br)

**A Editora Terceiro Nome**, em co-edição com a Editora Unicamp, lançou *Religiões e controvérsias públicas - experiências, práticas sociais e discursos*, de Paula Montero.

## Notícias

**O Acampamento**, poema de Aricy Curvello, será incluído na antologia bilingue português e alemão, de autores de língua portuguesa, que será lançada pela Editora brasileira, na Feira Brasileira do Livro de Berlim (Alemanha), em setembro de 2016.

**Lasar Segall: Múltiplos Olhares**, de Celso Lafer, foi lançada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. A obra reúne ensaios relacionados à vida e obra de Lasar Segall. As imagens reproduzidas foram cedidas pelo Museu Lasar Segall. O autor é escritor, professor emérito da USP, presidente do Conselho do Museu Lasar Segal, membro da Academia Paulista de Letras e ex-ministro das Relações Exteriores. [www.livraria.imprensaoficial.com.br](http://www.livraria.imprensaoficial.com.br)

**O Blog Luso-Brasileiro 'Paz'**, foi atualizado com textos de Armando Alexandre dos Santos, João Carlos José Martinelli, Cinthya Nunes Vieira da Silva, Maria Cristina Castilho de Andrade, Valquíria Gesqui Malagoli, José Renato Nalini, Felipe Aquino, Paulo R. Labegalini, Humberto Pinho da Silva e Euclides Cavaco. <http://solpaz.blogspot.com>

**Juan Moro**, escritor emergente e poeta está com a obra disponível para download gratuito em <http://castelofort.wix.com/cantardegalo>.

**Jerson Carneiro**, advogado e professor de Direito Administrativo do Ibmec/RJ, em parceria com o procurador-geral da ANP, Antônio Lobo e Campos e com o advogado Rodrigo Arruda, lançou *Vade Mecum da Infraestrutura do Petróleo e Dicionário Jurídico do Petróleo*, pela Editora Rideel.

**Silviano Santiago**, com *Mil rosas roubadas*, foi o grande vencedor do *Prêmio Oceanos 2015*, que é correalizado pelo Itaú Cultural e pela curadora Selma Caetano. Elvira Vigna, com *Por escrito*, foi laureada em 2º lugar; Alberto Mussa, com *A primeira história do mundo*, em 3º; e Glauco Mattoso, com *Saccola de feira*, em 4º lugar.

**O Centro de Estudos de Tradução Literária** da Casa Guilherme de Almeida está com inscrições abertas para o Programa Formativo para Tradutores Literários até o dia 10 de fevereiro de 2016. As aulas terão início em abril de 2016. Tels.: (11) 3673-1883 e 3803-8525. [www.casaguilhermedealmeida.org.br](http://www.casaguilhermedealmeida.org.br)

**Álvaro Alves de Faria**, escritor e jornalista, lançou *Desviver*, poemas, pela Escrituras Editora.

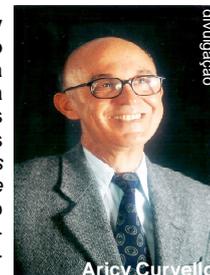
**Janela de 68**, exposição, organizada pela Unidade Especial de Informação e Memória da Universidade Federal de São Carlos, reúne manchetes acompanhadas de imagens veiculadas em alguns jornais impressos durante a Ditadura Militar. A mostra, com curadoria de Lorena Santos, ficará em cartaz até janeiro de 2016, de segunda a sexta-feira, das 8 às 11h45 e das 14 às 17h45, na UEIM, área Sul do Campus São Carlos da UFSCar, no Centro de Educação e Ciências Humanas. Tel.: (16) 3351-8355.

**Política e cultura**, de Norberto Bobbio, com introdução e organização de Franco Sbarberi e tradução de Jaime A. Clasen, foi lançada pela Editora Unesp.

**Maria Thereza Cavalheiro**, escritora, jornalista e poeta, que há quase 40 anos mantém a coluna "Trovas" no jornal *O RADAR*, de Apucarana-PR, também colabora em [www.falando-detrova.com.br](http://www.falando-detrova.com.br), que José Ouverney e seu filho, Júnior, realizam há 10 anos. Ela assina a coluna "Herança Poética", para cultuar trovadores falecidos, e apresenta, mensalmente, vinte trovas dos que partiram para outra dimensão, mas permanecem vivos na lembrança de seus belos versos. Encontram-se nessa guardida trovas sobre Mãe, Amor, Pai, Festa Anual das Árvores, São Francisco de Assis, Dia da Bandeira e Natal. Maria Thereza Cavalheiro publicou, em 2009, *Trovas para Refletir*, com 180 trovas de sua autoria, de sentido universal, inéditas, com a peculiaridade de não empregar a palavra "Eu". Caixa Postal 65019 - São Paulo-SP - 01318-970. [amarylliss@uol.com.br](mailto:amarylliss@uol.com.br).

A Associação Paulista de Críticos de Artes escolheu os melhores de 2015 nas categorias Arquitetura, Artes Visuais, Cinema, Literatura, Moda, Música Popular, Rádio, Teatro, Teatro Infantil e Televisão. Na categoria Literatura foram laureados com o Grande Prêmio da Crítica, *Testemunho Transiente*, de Juliano Garcia Pessanha; Romance/Novela, *O senhor agora vai mudar de corpo*, Raimundo Carrero; Ensaio/Teoria e Crítica Literária/Reportagem, *A noite do meu bem - A história e as histórias do samba-canção*, Ruy Castro; Infantil/Juvenil, *Antes e Depois - Um dia decisivo na vida de grandes brasileiros*, de Flávio de Souza; Poesia, *O livro das semelhanças*, Ana Martins Marques; Contos/Crônicas, *Jeito de matar lagartas*, Antonio Carlos Viana; Tradução, *Paisagens humanas do meu país*, Nâzim Hikmet, tradução de Marco Syrayama de Pinto; Biografia/Autobiografia/Memória, *Elis Regina - Nada será como antes*, Júlio Maria e Júlio Mesquita e seu tempo, Volume I, II, III e IV, Jorge Caldeira. Votaram: Amilton Pinheiro, Felipe Franco Munhoz, Gabriel Kwak e Ubiratan Brasil.

**Aricy Curvello** participará da antologia de poetas brasileiros *Os Melhores Poemas de 2015*, edição bilingue português e inglês, com o poema "Cézanne" sobre o pintor francês pai da arte moderna, traduzido pela professora Leslie Bary, do Departamento de Línguas Neolatinas da Universidade do Oregon/EE.UU. A obra será lançada na Feira do Livro de Londres (Book Fair in London) que será realizada de 12 a 14 de abril de 2016.



Aricy Curvello

## Indicador Profissional



### Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64  
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

